

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . \$090

N.º 18 — VOL. III.

Sabbado 7 de Maio de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — A cidade d'Elvas — Contos populares da Irlanda — A villa da Ericeira — A menina dos cabelos brancos, continuação — A ultima produção de Sigalon — A sé de Montreal na Sicilia — Ao sol — Anecdotas — Manifestação dos insituidores da sociedade portuguez Madrepora.

GRAVURAS: — Soldados aventureiros do exercito de Harold — Braços d'armas da cidade d'Elvas, e villa da Ericeira — Ultima produção do pintor Sigalon — Sé de Montreal.

Historia da actualidade.

Finalmente o estado da Europa é de guerra. Já pelas indicações que temos dado n'este jornal era de presumir este desenlace da questão austro-italiana.

— A Prussia, segundo as ultimas noticias, fica neutral n'esta pendencia, tendo comtudo protestado contra o passo dado pela Austria.

— Apenas a Austria deu o primeiro passo hostil contra o Piemonte, marchou para a Italia um exercito francez. A chegada d'este produziu grande enthusiasmo.

— Parma e a Toscana declararam-se pelo Piemonte. No primeiro d'estes ducados dentro em tres dias houve uma revolução e contra-revolução.

— Em França fecharam-se as universidades.

— Durante o tempo que o rei Victor Manuel estiver á frente do seu exercito, servirá de logar-tenente general do Piemonte o principe de Carignan.

— As primeiras tropas francezas que desembarcaram em Genova foram atiradores de Argel.

— Espera-se que a Prussia se decida pela Austria.

— O exercito austriaco entrado no Piemonte na madrugada do dia 27 do mez passado compõe-se de cento e vinte mil homens, commandados por Giulay. A passagem do Tessino foi effectuada por tres corpos; o primeiro de sessenta mil homens ás ordens do general Benedeck; o segundo de trinta mil ás ordens do referido Giulay; e o terceiro de outros trinta mil commandados por Jockel.

— As camaras portuguezas foram prorogadas até 21 do corrente mez.

— Principiou na camara dos senhores deputados a discussão do projecto de lei autorizando o governo a reformar a

secretaria do reino, e a extinguir o conselho superior de instrução publica.

— O governo portuguez, segundo consta, expediu ordens para se comprarem no estrangeiro vinte mil armas.

— O nosso exercito vac ser elevado a pé de guerra.

— Falla-se em dois tratados da França; um com a Russia, e outro com Hespanha.

— O marechal de campo, governador geral do estado da India, Antonio Cesar de Vasconcellos, foi nomeado grã-cruz da ordem de Aviz.

— O general Guyon, commandante das forças francezas em Roma, proclamou prohibindo qualquer manifestação popular, ainda mesmo pacifica, e egualmente grupos e ajuntamentos.

— Falla-se em que o senhor marquez de Loulé foi nomeado conselheiro de estado.

— Os austriacos tentaram finalmente atravessar o Po em Transsineto. Durou o fogo quinze horas. No dia immediato continuou desde o meio dia até á noite.

— O terceiro regimento de granadeiros da guarda, e o destacamento de engenheiros saíram no dia 27 de Paris.

— O principe Jorge, de Saxonia, futuro esposo da senhora infanta D. Mariana, chegou a esta cidade na manhã de hoje, 7. Não consta por ora quando deva ter logar a celebração do consorcio: espera-se ser na seguinte semana. No dia 5 teve logar a solemnidade de se pedir oficialmente a mão da augusta desposada pelo embaixador extraordinario que para esse fim veio a Portugal. Os regios conjuges habitarão o palacio de Belem no tempo que ainda se demorem em Lisboa, que para tal fim foi splendidamente mobilado, e adornado.

— Chegou á capital o batalhão de caçadores n.º 6, que depois de assistir aos festejos do consorcio, marchará para Leiria.

Galeria historica.

HAROLD.

Continuação.



Soldados aventureiros do exercito de Harold.

Não era por certo o amor da santa causa que lá chamava o impio guerreiro. Harold ia cair sobre o Oriente como o abutre sobre o campo da batalha. Á frente de um exercito indisciplinado, composto da peor gente de Escocia e de Irlanda, intrepida nas obras de devastação a que estava de ha muito avessada, era mais um inimigo terrível que os christãos teriam de affrontar, e talvez de temer, se porventura a politica não tivesse sido tão bem dirigida.

Harold fôra desherdado em consequencia do seu feroz comportamento. Os vastos dominios de seu pae, fallecido sem herdeiros, passaram para a egreja. Harold, temido e odiado, só tinha por abrigo a coma das arvores, ou o fundo dos abysmos. Era ali que o indomavel guerreiro concebia os fataes pensamentos que punha por obra contra a humanidade. Não ha sede, porém, que não se satisfa-

ga: a de sangue, parecia quasi saciada no filho de Witikind. A sua partida para o Oriente foi subitamente adiada; e o olhar incendiado que parecia transmitir aos seus indomitos sequazes aquella barbara energia que os impellia á destruição dos templos, ao saque o incendio das cidades villas e aldeas, quasi se extinguiu. Harold tornou-se pensativo, meditabundo; procurava a solidão; parecia esperar ansioso pela noite, não para ver a propria sombra projectada na planicie pelas avermelhadas chammas que consumiam uma igreja; mas para sentar-se isolado á beira da torrente, onde parecia conversar com o triste reflexo da lua sobre os turbilhões d'agua.

Da causa de semelhante mudança não é possível deslizar a idéa de um anjo de Deus, mandado á terra para converter o impio.

Eram olhos de mulher, pretos e scintillantes de um inexplicavel fogo, que o tinham enfeitado.

Em vão lhe cantava o fiel pagem Gunnar a vergonha do guerreiro que se deixa adormecer sobre os primeiros loiros: em vão lhe lembrava, aos sons mavisios da cythara, o dever que o ligava ao interesse da sua cohorte: Harold não o escutava.

— Em que pensas, pois, guerreiro, a cuja voz ainda estremece os mais ousados barões no meio de seus reforçados castellos? Em que deve parar o filho que amaldiçoou seu velho pae curvado sob as bençãos do ambicioso Aldingar? Lembra-te da loba que pelas tuas mãos mataste nas florestas do Wear e do Tyne! Olha que a fera não tornará a levantar-se para dar de mamar ás suas crias! e só quando ella o fizesse...

— Cala-te, pagem! Que interesse tens em atormentar-me? quem és tu, creatura mesquinha, para abalar o coração de Harold, o indomavel? Filha de um bardo e de uma jogral... queres acaso profundar, e porventura comprehender, o segredo que hoje existe neste coração, que a Inglaterra inteira teme como se teme a tempestade devastadora? Ai d'ella se a afeição que sinto fôr contrariada! Ai d'ella, se os dominios do Wear e do Tyne me não forem restituídos!

— Escuta, Harold, filho de Witikind, em cujo braço indomavel confiam os deuses do paganismo! Escuta ainda a voz da igreja que lança o anathema sobre o filho desnaturado: escuta o dobre rouquenho do sino das cathedras que commemora o dia solemne em que teu velho pae dobrou a fronte para receber a agua do baptismo; e que proclama a tua vergonha no seio da tua patria! Não sentes já ferver-te nas veias o sangue, pedindo-te o coração o desagravo da injuria feita á tua nobre raça? Não te eccoa já no peito a voz dos teus gloriosos antepassados, que estremeceam nas campas quando Witikind quebrou a pedra dos sacrificios e sobre ella elevou a cruz?

— Pagem! ai de mim que não posso escutar-te! Se tu soubesses...

— Sei! amas *Metelil*.

E o guerreiro viu cair duas lagrimas pelas ave-ludadas faces do pagem.

— Amo, disse Harold, amo-a, e quero-a! E por amor d'ella que vou solicitar da igreja a entrega dos meus dominios do Wear e do Tyne. É preciso que aquelle que sollicita a mão de uma mulher, tenha ao menos uma poisada onde possa recebê-la.

— E tu, Harold, que ha pouco me fallaste do teu coração, que a Inglaterra teme como se teme a tempestade devastadora, não sentes corar de pejo as faces quando pensas em ir humilhar-te para receber da igreja o que podes conquistar com o teu braço? Tens o braço fraco; a mente allucinada; o coração exausto! A Inglaterra e a igreja não mais estremeceão de ouvir pronunciar o teu nome: rirão de ti!

— Mentes, pagem!

E o indomito guerreiro, cingindo de novo as armas, lançou o grito de batalha no seu terrivel exercito.

— A Inglaterra e a igreja riem de mim? bradava elle para o pagem. Vaes vê-lo, Gunnar! A Inglaterra e a igreja confiaram as suas bandeiras a dois temiveis barões que devem campar contra os meus deuses. Sabes como se chamam esses barões? Antony Conyers e Alberic Vere. Sabes o que querem dizer estes dois nomes pronunciados pelo filho de Witikind? A sentença d'elles!

Um mez depois, Harold apresentava-se na sala do capitulo da abbadia de S. Guthbert, reclamando

a entrega dos dominios que a igreja tinha assignado a Witikind nas margens do Wear e do Tyne.

A resposta do capitulo foi a que provavelmente adivinhará o leitor:

— Abraça a cruz e serás declarado herdeiro de Witikind.

Esta resposta, porem, não satisfiz Harold.

— Meus padres, disse elle, Harold não vem pedir; mas sim exigir!

— Harold, respondeu o abba, a Inglaterra e a igreja não temem o reprob aventureiro. As suas bandeiras tremulam nas mãos de sir Antony Conyers e Alberic Vere.

A estas palavras, Harold tira das mãos do pagem um sacco de coiro, e d'elle dois objectos, que ao som de uma gargalhada, arroja aos pés da cadeira episcopal, exclamando:

— Ah! tendes a cabeça de sir Antony Conyers!... Eis a mão direita de Alberic Vere!

Os padres comprehenderam então que não couvinha lutar. A morte d'aquelles dois campeões foi um golpe por muito tempo sentido.

Harold, fascinado pelo amor da filha de uns camponeses, tinha recebido a primeira inspiração do amor divino, que o pagem Gunnar, com algumas palavras, parecia ter extinto: todavia, Harold reclamava a herança de seu pae, e ameaçava, se lh'a recusassem.

O capitulo mudou de tactica: illudiu a vontade de Harold, que, de dia para dia, esperava impacientemente a decisão; modificando a raiva, que lhe despertava a demora, o amor d'essa mulher que o fascinava.

De repente decide-se Harold á empresa do Oriente, e offerece os seus serviços á igreja, que lhe promete, em recompensa d'elles, a entrega dos dominios de seu pae, illudindo ainda o objecto em que mais interessava o coração do guerreiro.

O filho de Witikind parte enfim para o Oriente. Com a sua presença experimentaram os infieis perdas consideraveis. Os serviços de Harold tornaram-se importantes.

Gunnar seguia-o por toda a parte: o pagem pensava com tristeza no dia em que Harold devia voltar a Inglaterra para receber o premio da sua intrepidez! Calculava que se o amor tinha conseguido domar-lhe o character, não estaria longe de convertel-o á creença da mulher que lh'o inspirava.

Gunnar desaparece: procura a igreja e pede o baptismo.

Eram vespas da terrivel batalha de Antioquia: ao alvorecer d'esse dia memoravel, Harold torna a ver o seu pagem, e em vão procura saber a causa da extraordinaria commoção que sente pela influencia do seu olhar.

No ardor d'aquella sanguinolenta peleja é que verdadeiramente teve logar a conversão de Harold.

Gunnar cae ferido por uma setta. Harold corre a soccorrel-o: arranca-lhe o gorro; rasga-lhe o corpete, oh! surpresa!... o seio palpitante de uma virgem, apenas defendido por uma cruzinha de madeira, patenteia-se a seus olhos. Foi então que o indomavel Harold dobrou o joelho.

— Harold, disse-lhe Gunnar, amei-te como te pode provar o meu zelo, e os treze annos que te tenho seguido por toda a parte, até ás tuas mais arriscadas empresas! Quiz porém o destino que amasses outra mulher; respeitei o teu amor. Adivinhei que abraçarias a cruz por amor d'ella, e por amor de ti morro também abraçada a este signal de redempção!

Harold estremeceu de ouvid-a. Transportou-a nos braços para fora do campo, beijou a cruz que ella lhe apresentava, e prometeu-lhe, como para a reanhar com uma esperança, trocar o ephemero amor que primeiro nutrira, pelo que, em tão constantes provas, lhe tinha offerecido o supposto pagem.

Um anjo, porém, de tanto amor, de tanta resignação, não devia ser manchado pelas caricias de um homem.

O supposto pagem expirou, e a historia guarda o mysterio da sua curta existencia.

Harold recebeu o baptismo, e voltou a Inglaterra.

A mulher que primeiro amara estava casada; e o valente campeão, pungido pela decepção do seu primeiro amor, e a saudade do segundo, re-

clamou, não já a rica herança do Wear e do Tyne, mas apenas o silencio de uma cella, e os necessarios palmos de terra para a sepultura.

ALFREDO HOGAN.

A cidade d'Elvas.

Na provincia do Alentejo, junto á fronteira de Hespanha, está a cidade d'Elvas assentada em amphitheatro sobre uma eminencia, e distante de Lisboa trinta e tres leguas. Aos lados erguem-se dois montes que a dominam, e que são coroados pelos fortes de Santa Luzia, e de Nossa Senhora da Graça. A duas leguas corre a ribeira do Gaya, que divide Portugal de Hespanha. A tres leguas levanta-se em frente d'Elvas a cidade e praça hespanhola de Badajoz.

Sobre a origem d'Elvas emittem os nossos autores opiniões diversas, sendo algumas inverosímeis, ou pelo menos faltas de boas fundametos. A que parece mais provavel attribue aos romanos a sua fundação, e faz derivar o seu nome de Marco Helvio, que então governava esse districto da Lusitania.

Quanto á sua existencia na época da dominação romana não ha que duvidar. Varias sepulturas e inscripções achadas junto á cidade provam evidentemente, que n'esse tempo era povoação importante; mas além d'isto ha muitos outros testemunhos.

Dizem alguns antiquarios, que o celebre general cartaginês Maharbal vivera muito tempo em Elvas, e que ali convalescera de uma perigosa enfermidade, em memoria do que erigiu um templo a Cupido nas visinhanças de Villa Viçosa, junto a Terena. D'este templo viam-se ainda no seculo passado bastantes vestigios.

Depois da destruição do imperio romano, Elvas passou sob o jugo dos diversos povos, que a seu turno sujeitaram a Lusitania. Dos moiros, que foram os ultimos, resgatou-a el-rei D. Afonso Henriques no anno de 1166; tornando porém ao poder de infieis, libertou-a novamente seu filho D. Sancho I no anno de 1200.

As guerras arruinaram-a, e quasi de todo a despoaram. Porem D. Sancho II mandou-a reedificar e povoar no anno de 1226, dando-lhe por essa occasião foral com os mesmos privilegios de que gozava a cidade de Evora. Elevou-a el-rei D. Manuel a cathedra de cidade em 1513; e el-rei D. Sebastião á preeminencia de sede episcopal por bulla pontificia de 9 de Junho de 1570.

Nas guerras da independencia, que se seguiram á morte d'el-rei D. Fernando, já possuia Elvas um forte castello, e boa cêra de muralhas, com que resistiu valorosamente ás tropas castelhanas, que então a sitiaram e accometteram.

Na gloriosa lucta da restauração de 1640 foi teatro de grandes victorias para as armas portuguezas, principalmente no dia 14 de Janeiro de 1659, em que o exercito hespanhol, que a cercava, foi completamente desbaratado pelas tropas portuguezas sob o commando de D. Antonio Luiz de Menezes, primeiro Marquez de Marialva. N'essa batalha, memoravel nos fastos de Portugal com o nome de *victoria das linhas d'Elvas*, perderam os inimigos, além de grande numero de mortos, feridos, e prisioneiros, toda a artilharia, munições, e bagagens.

No seculo seguinte passaram-se em Elvas scenas diametralmente oppostas. D'esta vez eram grandes festas e regosijos pelos dois consorcios, que estreitaram em intimos laços de familia os soberanos de Hespanha e Portugal. El-rei D. João V e toda a familia realahi foram passar alguns dias, durante os quaes se avistaram, e conversaram com D. Philippe V de Hespanha e sua familia, em uma esplendida casa, que para esse fim se construiu sobre o Gaya, limite dos dois paizes. Os reaes desposados foram o principe D. José, depois rei primeiro do nome, com a infanta D. Mariana Victoria, filha de el-rei Philippe V, e o filho herdeiro d'este soberano o principe D. Fernando, que veio a ser o sexto do nome entre os reis de Hespanha, com a infanta D. Maria Barbara, filha de el-rei D. João V.

E' a cidade d'Elvas a principal praça de guerra de Portugal. A parte mais antiga das suas fortificações e o castello de que acima fallamos, fundado no logar mais elevado, e cercado de muralhas ameidadas flanqueadas de torres, tudo em bom estado de

conservação. As obras, que fizeram d'esta cidade uma praça de primeira ordem, foram emprehendidas em épocas mui diversas: algumas anteriores a 1640; muitas e importantes durante a guerra da restauração; e outras nos reinados de D. João v, D. José I, D. Maria I, e D. João vi.

Tem esta praça no seu circuito sete baluartes, quatro meios baluartes, e um redente, ligados por cortinas, que formam doze faces. Das obras de defesa exteriores as principaes são os fortes de Nossa Senhora da Graça, e de Santa Luzia.

Dão entrada para a praça tres grandes portas, chamadas da *Esquina*, d'*Oliveira*, e de *S. Vicente*, além de varias portas falsas, ou poternas, que se abrem nas cortinas do recinto. Ha na praça vastos quartéis, armazens, e uma grande cisterna, payoés etc. tudo á prova de bomba.

A sua guaranição em tempo de guerra pode elevar-se a seis ou sete mil homens. No começo d'este seculo defendiam-na duzentas e cincoenta e sete peças d'artilheria.

Conta Elvas quatro parochias: a sé, Nossa Senhora da Aleçova, o Salvador, e S. Pedro. A sé é um templo de tres naves, obra de el-rei D. Manuel. Era a antiga matriz com a invocação de Santa Maria. Interiormente é de boa architectura gothica com abobada de laçaria de pedra. A capella-mór é moderna e sumptuosa. Foi fabricada de finos marmores por alguns dos melhores artistas, que trabalharam no palacio real de Mafra. Na igreja, sacristia, e casa do capitulo vêem-se muitos paineis a oleo; alguns de bastante merecimento.

A parochia do Salvador, outr'ora intitulada de Santiago, pertenceu ao collegio dos jesuitas.

A igreja da misericordia é um bello templo de tres naves, sustentadas em columnas de ordem toscana. Contiguo está o hospital administrado por esta pia confraria.

Havia em Elvas quatro conventos de frades. O de *Nossa Senhora dos Martyres*, de religiosos dominicos, cuja primeira fabrica foi de el-rei D. Affonso III em 1267, tem uma bom igreja de tres naves. O edificio do convento serve actualmente de quartel militar. O de *S. João de Deus*, de hospitalceiros, é hoje hospital militar. O collegio dos *padres da Companhia*; e o convento de *S. Francisco*, de piedosos, contiguo á cidade, e fundado em 1591.

De freiras tem dois conventos: o de *Nossa Senhora da Consolação*, de religiosas dominicas, edificad'o em 1543, cuja igreja é de forma rotunda e mui elegante; e o de *Nossa Senhora da Conceição*, de freiras da regra de Santa Clara.

A confraria dos terceiros de S. Francisco possui um bom edificio e uma excellente igreja, ornada de obra de talha doirada de muito primor.

Além d'estes templos ha na cidade e cercanias varias ermidas. As ruas, posto que estreitas, em geral são regulares. A principal praça e a da Sé, onde ficam tambem o palacio episcopal, em que se hospedou el-rei D. João v com a familia real, e outros príncipes em eras anteriores; e a casa da camara, com a sua torre de relógio, e com uma boa sala de sessões, decorada com varios paineis do pincel de Cyrillo Volkmar Machado. N'esta praça vê-se o antigo pelourinho, formado de uma só peça de marmore, todo cheio de esculpturas no gosto gothico.

Ha na cidade um passeio publico, começado em 1807, e situado entre as portas d'Oliveira e da Esquina. O grande aqueducto da Amoreira (*) abastece abundantemente d'agua a povoação, e alimenta diversos chafarizes, dos quaes o de S. Lourenço é o de melhor architectura.

Os suburbios d'Elvas são amenos e muito arborizados, com muitas hortas e quintas, e principalmente no extenso valle por onde corre o ribeiro Ceto, e que separa a praça do forte de Nossa Senhora da Graça. O termo produz cereaes em abundancia, vinho, muito azeite, fructas etc. Ha n'elle magnificas herdades em que se cria bastante gado.

Elvas conta uma população de perto de onze mil quatrocentas almas. Tem tres feiras annuas muito concorridas de nacionaes e de hespanhoes: uma a 20 de Janeiro; outra a 20 de Maio; e a ultima a 21 de Setembro.

Gosava esta cidade de voto em côrtes, no antigo

(*) Vid. a estampa e descripção no num. 8, pag. 63, do presente volume.

regimen, tendo assento os seus procuradores no banco segundo. Tem por brasão d'armas um escudo corado, e n'elle, em campo vermelho, um guerreiro a cavallo, todo armado, empunhando na mão direita o estandarte das quinas portuguezas. Commemora este brasão a acção audaciosa de um cavalleiro portuguez, que n'um dia de funcção publica em Badajoz, entrou n'esta cidade, e arremettendo por meio do povo, ousou apossar-se do estandarte castelhano, e correndo com elle na mão até junto das muralhas d'Elvas, conseguiu arremeçal-o para dentro da praça, onde não entrou porque os castelhanos, que o perseguiram, lh'o impediram com a morte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Contos populares da Irlanda.

I

A GARRAFA ENCANTADA.

Depois da Alemanha não ha paiz na Europa mais cheio de superstições populares do que a Irlanda. Os contos de fadas e encantamentos, e de todo o genero de appareições sobrenaturaes são ali mais geraes e em maior numero do que nas nossas provincias do norte as historias de bruxas e almas penadas.

O conto que vamos referir é um dos mais conhecidos na Irlanda. Poucas mães ou amas deixarão de entreter as creanças com as maravilhas da *garrafa encantada*. E de ordinario, pelo menos entre o singelo povo dos campos, esses estupendos prodizios são narrados com uma ingenuidade e fé, egual á credulidade com que são ouvidos.

Vivia ha muitos annos, talvez ha seculos, proximo das ruinas de Mourne, a pouca distancia da cidade de Cork, um pobre e honrado lavrador chamado Mick Purcell. Compunha-se a sua familia de uma esposa honesta e laboriosa, e tres filhos que uma joveira podta cobrir. E os seus bens encerravam-se todos em uma vacca, porque da mesquinha choupana em que morava, e de um pequeno campo, que agricultava, era apenas reendeiro.

Mick não largava a enxada desde o romper do dia até ser noite cerrada, e sua mulher não trabalhava menos, pois tinha a seu cargo, além do cuidado dos filhos, e dos mais arranjos domesticos, tratar das suas gallinhas, e do seu porquinho, ordenhar a vacca, e ir todos os dias á cidade proxima vender o leite e os ovos. Mas, coitados! por mais que lidavam, apenas tiravam do seu trabalho os meios para pagar a renda ao senhorio, e para acudir ás mais urgentes necessidades da vida.

Bem se pode julgar quantas privações não soffriam. Mas ainda assim não se tinham na conta de desgraçados, e agradeciam a Deus o pão quotidiano.

Veiu porém um anno infeliz, e desequilibrou completamente essa balança dos seus destinos, que já tanto pendia para a miseria. Chuvas copiosissimas inundam o campo e o alvergue do triste Mick, destruindo-lhe a esperancosa ceara, e dando origem a uma epidemia, que lhe rouba em pouco tempo as suas gallinhas, e o porco, que com tamanho desvelo elle engordava para o vender no proximo outono. Para maior infortunio está a bater-lhe á porta o praso fatal para o pagamento da renda.

—O que havemos de fazer n'estas tristes circumstancias? disse o infeliz Mick para Molly, que assim se chamava sua mulher.

—Louvado Deus, respondeu ella, ainda nos resta a nossa vacca. Não ha remedio senão ir vendel-a amanhã bem cedo ao mercado.

—E depois de a vendermos o que hade ser de nós?

—Não sei; mas Deus terá cuidado de nós, e não nos hade deixar morrer de fome. Não te lembras d'aquelle dia em que esteve tão doentinho o nosso querido Billy, e sem termos remedio algum para lhe dar? Não te lembras que n'esse mesmo dia, quando mal o pensavamos, nos entrou pela porta dentro o bom do doutor de Ballydahn, que me pediu um copo de leite, e que depois de o beber me deu dois

schillings (*)? Não te lembras que logo no outro dia pela manhã nos enviou remedios para o pequeno, vindo elle proprio d'ahi a pouco ver o nosso filho, continuando a tratal-o até o pôr bono, e quando lhe fui agradecer a esmola que nos fez, ainda em cima me deu um bello almoço? Pois o que foi tudo isto senão obra de Deus?

—Isso estás tu sempre a repetir... mas tens razão, Deus não hade abandonar-nos. Irei amanhã a cidade, e venderei a nossa vacca. E não te esqueças de metter na algebeira da minha vestia alguma moedasinha de cobre.

Com effeito no dia seguinte, logo ao amanhecer, poz-se Mick a caminho da cidade, tendo antes prometido a sua mulher, que faria todas as diligencias por vender a vacca por bom prezo.

Ao passar pelo antigo e derrocado castello de Mourne, parou, e começou a contemplar aquellas ruinas cobertas de plantas parasitas. Apesar de ter por ali passado tantas vezes, era esta a primeira que os restos d'aquelle grande edificio assim lhe attrahiam a attenção. Todavia não o dominava a curiosidade, mas sim um sentimento mais profundo, que o levou a exclamar:

—Ah! quem me dera metade do dinheiro, que está enterrado debaixo d'estas pedras! Se o tivera não me vira agora obrigado a ir vender ao mercado a minha vacca, o meu ultimo recurso! Não é uma barbaridade, que estejam ali perdidas tão grandes sommas de ouro nas entranhas da terra, e n'aquellas grossas pedras, assim caidas e amontoadas, em quanto que tantos desgraçados não tem pão para comer, ou arriscam a saude e a vida para ganhar um miseravelschilling?! Paciencia; vamos andando: se assim succede, é porque Deus o quer, e elle tambem hade querer, que eu volte esta tarde por aqui com a minha algebeira cheia de bem bons escudos.

E dizendo isto com rosto já mais presenteiro, continuou seu caminho; porém poucos passos tinha dado, quando descobriu junto de uma collina visinha um homem de figura sinistra. Aproximou-se, e viu que era um anão, de semblante enrugado, nariz adunco e ponteagudo, olhos avermelhados, beiços roxo-escuros, e cabellos brancos. Além da cara nada mais se lhe divisava, por quanto, apesar de fazer um calor insupportavel, achava-se embuçado, e com todo o corpo envolvido em um longo e farto capote.

Mick encarou-o com singular surpresa, e não sem receio; mas como o anão lhe fizesse um cumprimento mui polido, correspondeu-lhe do mesmo modo, e por esta razão um pouco mais tranquillo, proseguiu na sua jornada. Porém apenas voltou costas ao anão, começou a inquietar-se de novo, não podendo tirar da sua idéa aquella feia imagem, que tão má impressão lhe causara.

Ja decididamente com medo, e olhando para traz, augmentou-se ainda o seu terror, porque viu que o anão o seguia, caminhando não como os outros homens, mas parecendo voltar como uma sombra. O primeiro pensamento de Mick foi fazer o signal da cruz, mas não se atreveu, receioso de que o desconhecido tomasse isso por uma afronta. Contentou-se em rezar em voz baixa uma oração a Nossa Senhora, pedindo que lhe acudisse, já que a sua má estrella o fizera sair de casa em similhante dia.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

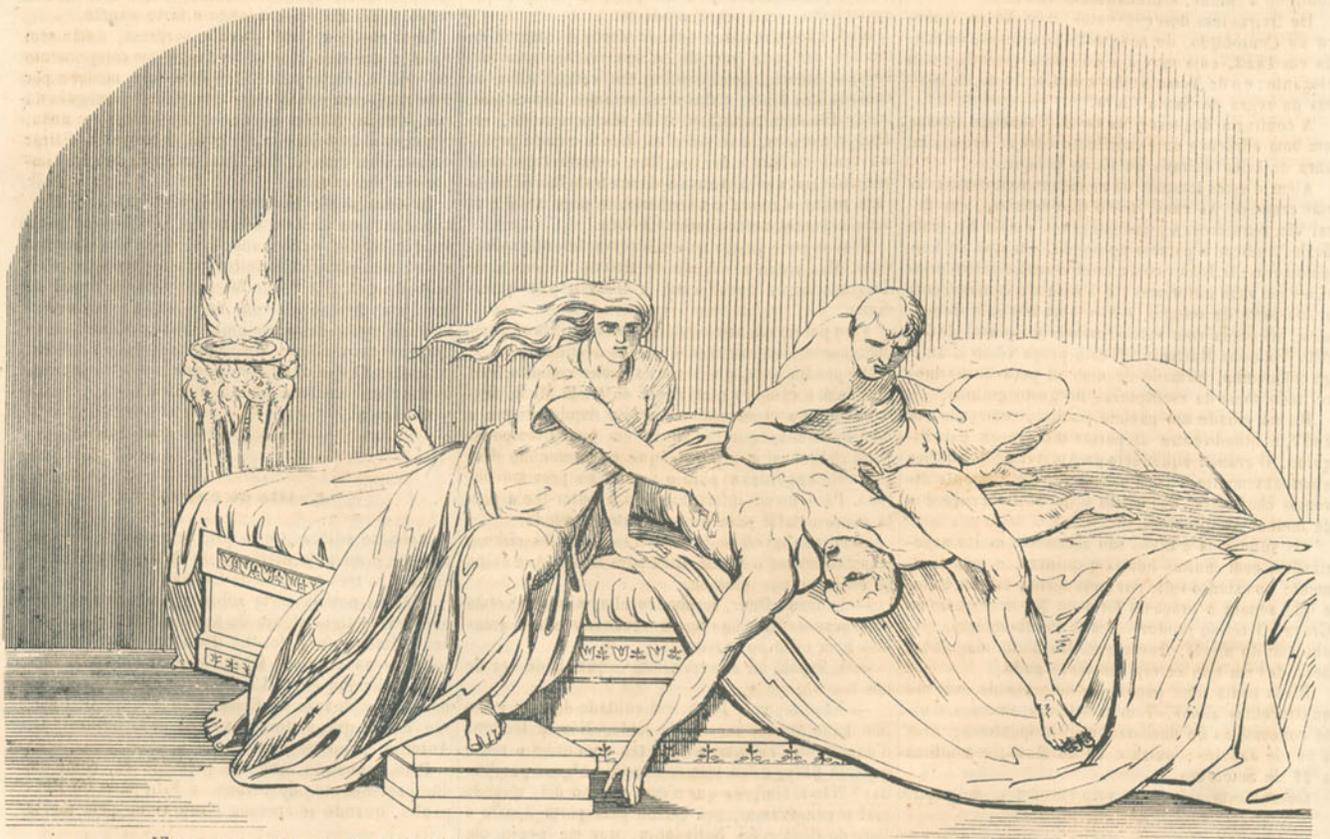
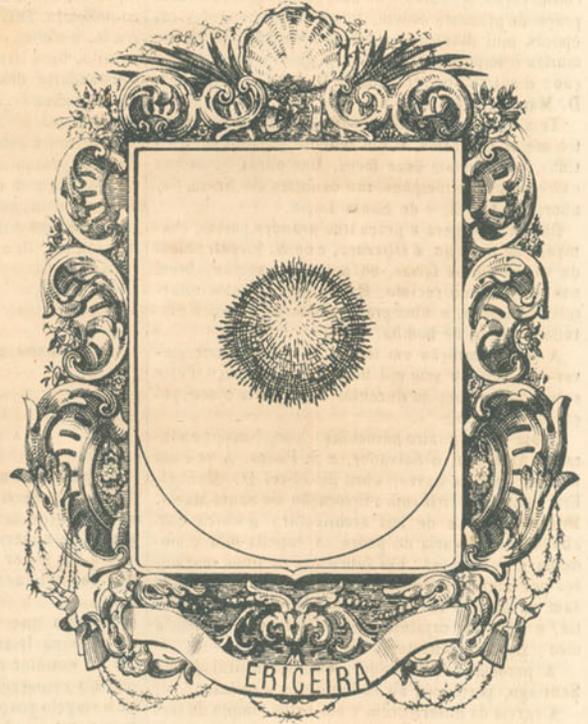
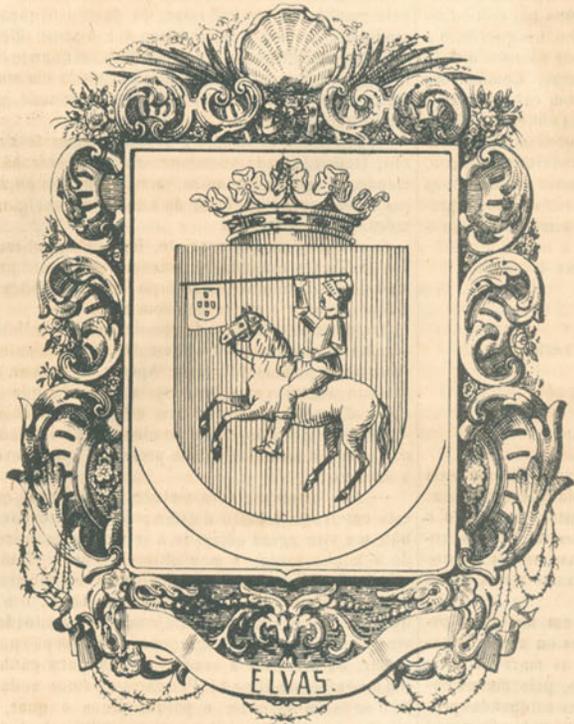
A villa da Ericeira.

Acha-se edificada esta villa na costa do oceano, a legua e meia de distancia de Mafra, para o occidente, e tres ao norte de Cintra.

Não ha noticia certa sobre a sua origem, nem encerra vestigio algum de antiguidade. Todavia o seu primeiro foral foi-lhe dado por el-rei D. Affonso IV no anno de 1369; o qual el-rei D. Manuel reformou em 1513. Por essa occasião este soberano fez doação da Ericeira ao infante D. Luiz, seu filho, que a deixou ao seu filho natural, D. Antonio, prior do Crato.

Pela opposição, que este principe fez, como um dos pretendentes do throno, a Philippe II de Hespanha, quando se apossou d'este reino pela morte

(*) Um cruzado.



Ultima produção do pintor Sigalon esboço, que se presume representar o assassinato do imperador Claudio.



Sé de Montreal.

do cardeal rei, foram-lhe sequestrados todos os bens, e por conseguinte voltou a Ericeira para a corôa. Filipe II douz esta terra de juro e herdade a Luiz Alvares d'Azevedo, e como viesse a pertencer em herança a uma sua filha, freira do mosteiro de Odiveiras, a D. badeça vendeu aquelle senhorio a D. Diogo de Menezes, que pouco depois foi creado conde da Ericeira.

Ainda ali se vê, posto que em ruínas, mas como uma honrosa memoria, o palacio d'esta esclarecida familia, que tanto se distinguio nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II, pelos relevantes serviços, que os condes Luiz, e D. Francisco Xavier de Menezes prestaram á causa da independencia nacional, e ao progresso das letras.

Sentada sobre uma elevada rocha, cortada a prumo, e minada na base pelas ondas do mar, a villa da Ericeira domina o seu pequeno porto, e uma extensão immensa de oceano. É formado o seu porto por um reconcavo quasi circular, todo guarnecido de rochedos, que vão diminuindo em grandeza até deixar aberta uma estreita garganta, por onde entra o mar e as embarcações n'esta pequenissima bahia. A estreiteza d'esta barra, só accessivel para embarcações costeiras de pequeno lote, e a força com que ahi rebentam as vagas, fazem difficil a entrada.

Da povoação desce para o porto uma calçada, sustentada do lado do mar por uma grossa muralha. O porto é frequentado por uns cem barcos de pesca, e de cabotagem, que são os principaes ramos de industria em que se emprega a maioria dos habitantes da villa. Por conseguinte, não só é abastecida de muita variedade de peixe, mas faz d'este genero grande commercio para o interior. Os pescadores da Ericeira são ousados e emprehendedores. Não se limitam a pescar ao longo das costas da Estremadura, demandam tambem as costas de Marrocos, e já tem feito modernamente varias expedições aos bancos da Terra Nova.

Da muita quantidade de ouriços, que ha em toda aquella costa, tira o seu nome a villa da Ericeira, que em tempos antigos se chamava *Oyriceira*. Pelo mesmo motivo tem por brasão d'armas um ouriço no meio do escudo.

É singular esta villa pelo extremo acieo das ruas e casas, que, sem excepção, resplandecem de alvura. Tem uma unica parochia, da invocação de S. Pedro, que foi reedificada no seculo passado, concorrendo para esse fim el-rei D. João V com avultada esmola.

A casa da misericórdia, fundada em 1678 por Francisco Lopes Franco, tem bons rendimentos com que provê ás despesas do seu hospital, e a mais soccorros á pobreza. Ha na villa varias ermidas, e algumas boas casas. Na estação dos banhos de mar concorrem ahi bastantes familias do interior da provincia, e tambem algumas de Lisboa.

Sobranceiro á calçada, que conduz ao porto, ha um forte construido no reinado de D. Pedro II. Ao presente acha-se desartilhado, mas em bom estado de conservação.

Um chafariz, chamado a *Fonte do Cabo*, que segundo uma inscripção que n'elle ha de letras gothicas, foi feito em 1457, fornece agua abundantemente para toda a povoação, que se eleva a umas duas mil e oitocentas almas.

As cercanias da Ericeira são muito aridas, e desprovidas de arvoredos, como todos os terrenos proximos da costa n'esta provincia da Estremadura. A principal cultura consiste em cereaes e batatas.

A 25 de Julho faz-se n'esta villa uma feira de tres dias.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A menina dos cabellos brancos.

Continuação.

III

O sitio do *Dá-fundo*, distante de Lisboa uns oito kilometros para o poente, é de certo conhecido de quasi todos os meus leitores; e poucos d'elles deixarão de recordar-se que existe ali uma casa de pasto, herdeira da gloria culinaria do velho Ezechiel; tambem devem lembrar-se que foi n'es-

se logar que eu ajustei encontrar-me com Antonio Pinto no dia immediato áquelle memoravel domingo, tão fertil de acontecimentos extraordinarios; em quanto, porém, não chego ao sitio aprasado, peço ao leitor que espere pelo buraco da fechadura o que se passa em um pequeno quarto, á direita da entrada commum do estabelecimento; depois eu lhe contarei o resto.

Está sentado junto á mesa um homem que figura ter quarenta annos, secco de corpo, pallido e melancolico, vestido com acieo, mas sem garfidade, e olhando para a comida que tem diante de si como quem veiu ali cumprir uma obrigação imposta pela natureza, mas sem a menor apparencia de appetite.

Ouve-se fora a voz de uma mulher que pede agua, e a resposta attenciosa da dona da casa, convidando-a a entrar no quarto para descansar e ahi ser servida; a porta gyra sobre os gonzos, e entra no gabinete a menina dos cabellos brancos, saudando com desembaraço e donaire o desconhecido que ali encontra.

Flor da brutalidade (pois era elle que fingia jantar) fixa um olhar penetrante sobre a recém-chegada, em quanto a locandeira lhe traz agua, e com a sua sem cerimonia habitual, dirige-lhe a palavra n'estes termos:

— Parece-me que já vi a menina em outra parte do mundo?

— A sua physionomia tambem me não é estranha, responde immediatamente Helena.

— Seria em Londres?

— Não.

— Em Paris?

— Tambem não.

— Em Nova-York?

— Menos.

— No Rio de Janeiro?

— Parece-me que não, porque estive lá poucos dias.

— Então foi em Montevideo?...

— Tambem por ahi passei de corrida.

— Já sei; foi em Buenos Ayres, em casa do ministro de Portugal.

— Exactamente... E o senhor é?... Ora, a minha cabeça!... Como está, senhor D. Antonio Pinto?

E estende a graciosa mão ao seu antigo conhecido, que lh'a aperta cordalmente.

— Não tem envelhecido n'estes dois annos, minha querida senhora D. Helena Garcia!

— Pois não é por falta de trabalhos.

— Sei que seu pae...

— Foi assassinado em Corrientes; e eu tive de embarcar para a Europa, afim de me habilitar em Madrid como sua unica herdeira. Realisei com effeito n'aquella cidade uma quantia avultada, e como elle tinha ainda outras sommas no banco de Portugal, vim a Lisboa tratar do resto dos meus negocios... Ai, que enfado!... Se não fora auxiliada pelo velho barão de Caxias, para quem trouxe cartas...

— Disseram por ahi que era seu amante.

— Pobre velho... caluniaram-no! exclama a menina dos cabellos brancos com o mais casto sorriso; e acrescenta: — Se levantassem esse aleive ao procurar que o barão me indicou, vá... por que o homem que trata dos meus negocios é moço e galanteador.

— Não se esqueceram...

— Ah! tambem o Caetaninho?...

— Tambem dizem que é ou foi seu amante.

— Dois amantes!... Nada menos. Estou vendo que tambem dão as mesmas honras ao veneravel irmão de minha mãe, chegado do Rio de Janeiro no ultimo paquete, e com quem agora vivo em S. José de Ribamar?

— Exactamente, minha senhora, respondeu com a maior fleugma o homem dos oculos, sfagando o bigode, seu gesto favorito.

— Pois tambem elle... o senhor Pedro Soeiro... com os seus setenta annos, e meu tio?!... A... á... á! Deixe-me rir das más linguas da sua Lisboa.

— Eu não sou de Lisboa, D. Helena, sou aldeão da Beira; nasci nas vizinhanças de Coimbra.

— Havemos de ir juntos visitar a sua terra... quer acompanhar-me?

— Isso equivale a arranjar um quarto amante, nas linguas dos maldizentes.

— Que importa; presa por mil, presa por mil e quinhentos... Tenho muitos desejos de visitar o interior de Portugal; e então, está decidido, viajaremos de companhia. Não pode esquecer-me!... pois nem os meus cabellos brancos souberam evitar-me a nota de *coquetismo*?

— É verdade!... Tinha algumas cãs quando eu a vi em Buenos Ayres; mas hoje está de todo branca!

— Succedeu o mesmo a minha mãe antes dos vinte annos... E comtudo, nenhuma portugueza mais formosa passou ao Rio da Prata com a legião do Lecor... Não digo isto por desculpar o phenomeno que se dá em mim tambem...

— A menina sabe que eu não sou de lisonjas... mas acho-a cada vez mais linda, e se não fosse rica offerencia-lhe a minha mão.

— Obrigada, D. Antonio, porém o meu coração pertence ha muito ao seu amigo Frederico Paes, e a minha mão lhe pertencerá igualmente logo que volte a Buenos-Ayres... por que elle tem plena confiança em mim, não acreditaria, ainda que lh'o contassem, nos meus amores com o barão de Caxias, o Caetaninho e Pedro Soeiro...

— Ah! bom maganão de Frederico Paes!...

N'este momento ouve-se dizer fora do gabinete:

— Já ella cá está com outro... é diabolica!

Helena empallidece.

E Flor da brutalidade, sem alterar a voz, diz:

— Entre, senhor canalha.

A porta abre-se com estampido, e tres homens bem trajados, meneando grossas bengalas, entram no aposento, seguidos de dois saloios, que empunham grandes varapaus.

— *The life and propriety protector*, diz com o maior sangue frio o senhor Antonio Pinto, recuando um pouco a sua cadeira, mas sem se erguer, e apresenta aos recém-chegados a bocca de um *revolver* de seis canos: chega para todos cinco, e sobeja, accrescenta elle com a mesma placidez, e nem eu erro pontaria, nem este protector da vida e da propriedade errou nunca fogo; ainda podem ir buscar mais um.

— Não se perca, senhor... pelo amor de Deus lh'o peço, exclama Helena, banhada em lagrimas, e lançando-se aos pés de Flor da brutalidade, em quanto os cinco homens se olham mutuamente com terror, e silenciosos.

Antonio Pinto ajuda a erguer a senhora com a mão esquerda, e levanta-se vagarosamente, brandando:

— Olá, patrão?

A locandeira entra sobresaltada.

— Quanto lhe devo, accrescenta o homem do *revolver*.

— Dez tostões, senhor.

— Ahi tem uma libra, pague-se, e com o resto dê de beber a esses cinco miseraveis, a ver se lh'o restitue a falla. Agora, amigos, todos para um lado... assim... e quietos. O seu braço, minha senhora, vou acompanhá-la a S. José de Riba-mar... vamos a pé, e eu volto só para a Cruz quebrada... Até mais ver.

E sae com D. Helena pelo braço, fascinando com o olhar e com a bocca do *revolver* aquelles cinco homens transformados em estatuas.

Quando transpõem o limiar da porta, dão de rosto comigo, que vinha ao ajustado encontro.

— D. Helena!... Pinto... Que é isto? parecem-me agitados!

— Não foi nada, respondeu Flor da brutalidade, desengatilhando o *revolver*, e mettendo-o vagarosamente na algibeira.

— Meu Deus! que sangue frio de homem! exclamou Helena ainda muito tremula.

— Mas que succedeu? perguntei ainda, commovido tambem.

— Ora! uma scena de comedia! accrescentou Pinto, pondo-se a caminho com a senhora pelo braço: você é que perdeu um artigo de noticiario ou um capitulo de romance, por não ter chegado mais cedo... Estes escriptores publicos sempre são uns mandriões! E depois queixam-se de que a fome dê cabo d'elles.

Foi Helena quem me contou a scena, a que o leitor assistiu, em quanto caminhavamos para S. José de Riba-mar... Pobre Helena, que sóra a pé á Cruz quebrada, levar uma avultada esmola a uma

infeliz familia, e que morta de cansaço e de sede entrara na casa de pasto a pedir agua!

— Ah! meu caro Pinto, se não traz consigo o revolver, era um homem morto ás mãos d'aquelles cães.

— Trago sempre este amigo à latere... Cum animalibus non est luctandum.

Quando chegámos a casa do senhor Soeiro já todos riamos de companhia, graças ao bom humor de Flor da brutalidade.

— Ora vamos lá a ver o gebo de seu tio, disse Pinto estendendo-se commodamente em uma poltrona; e bom fóra que elle tivesse por cá cerveja ingleza; está um calor de matar!

D. Helena mandou que nos servissem diversos refrescos, e depois de um momento de ausencia, apresentou-se de novo na sala, em companhia de seu tio.

— Em vez de levantar-se, Antonio Pinto enterrou-se mais na poltrona quando avistou Pedro Soeiro, e dando uma sonora gargalhada, exclamou:

— A... á... á! Quem elle é, o tio!... O Soeiro, como escapaste da força?

— Pelo amor de Deus, Antonio, não comeces com as tuas brincadeiras; ha um tratado de extradição entre Portugal e Brazil...

— Só para o crime de moeda falsa...

— Pois sim... bem sabes como a calumnia... a inveja...

— Sim, sim, Pedro... Tomemos um copo de champagne à saude de tua sobrinha... se é que o é!

— Pois não te lembras de ver sua mãe na Bahia, em minha casa?... Minha irmã Mariana? Com cabellos brancos como Helena!

— Bem sei, mas quando a conheci tinha ella cincoenta annos... não admirava que tivesse cabellos brancos; porém esta que é menina e linda! Se não fóra...

— Não cassde, senhor Pinto.

— Não uso do retraco vil da lisonja, como dizia o padre José Agostinho... Grande obra é aquelle seu poema dos burros!... Escapaste-lhe, Pedro. E' verdade, em quanto calculas a tua fortuna? Um milhão?

— Qual!

— Olha que eu não te quero nada; sou só, e tenho com que viver, como sempre tenho vivido... um *vidão*!

— O jantar está na mesa, disse um criado agaloado, apparecendo á porta da sala.

— Para a mesa, meus senhores, acrescentou Helena, descansando o seu braço sobre o meu.

Quando entravamos na casa de jantar, ouvi e inconveniente Pinto dizer a Soeiro em voz alta:

— Se saes a salvo da ultima especulação de bilhetes do thesouro ficavas um Monte-Christo.

— Não te calarás, diabo! foi a resposta de Soeiro, a meia voz e suffocado.

Depois do jantar a que eu e Pinto apenas assistimos como testemunhas, despedimo-nos de Soeiro e de Helena, e voltámos a pé para a Cruz quebrada.

Durante o tracto contou-me Pinto as façanhas de Soeiro em escravatura branca e preta, e moeda falsa... coisa rara; ainda nem era visconde!

Deu-me as melhores informações da menina dos cabellos brancos, que estava para desposar o nosso commum amigo Paes; e contou-me diversas anedotas da sua vida, que muito me fizeram rir.

Ao chegarmos defronte da casa de pasto do Dáfundo, parámos um momento a ver se apparecia algum dos cinco valentes de ha pouco... mas nada. Se isto porém nos não causou espanto, admirou-nos muito outro objecto: vimos passar Emilio sobre um soberbo cavallo, que corria a toda a brida na direcção de Lisboa.

Saudou-nos com a mão; ia pallido e preoccupado. Em um instante o perdemos de vista.

O que succederia?

Adivinhei-o!

Continua.

F. M. BORDALO.

A ultima producção de Sigalon.

Xavier Sigalon foi um pintor francez, que adqui-

riu celebridade na primeira metade d'este seculo. Nascido em Uzés, no departamento do Gard, nos fins do anno de 1788, mostrou desde a mais tenra edade uma singular predilecção pela sublime arte, que, apesar de mil difficuldades, cultivou, conseguindo alfim distinguir-se.

As tristes circumstancias de seu pae, pobre mestre de primeiras lettras, que mal ganhava com que acudir as mais urgentes necessidades da sua familia; a anarchia e as guerras estrangeiras, que traziam toda a França em continua e crescente agitação, eram sobejos motivos para fazer esfriar a vocação mais aidente para as artes. Entretanto o joven Sigalon não desanimou. A sua perseverança, e os seus esforços e sacrificios foram vencendo as difficuldades e os proprios caprichos da sorte.

Foi assim que elle obteve ir a Paris, e mais tarde a Roma, para ver, admirar, e estudar as obras dos grandes mestres.

Em resultado dos seus estudos em Paris, Sigalon pintou alguns grandes quadros historicos, que fizeram conhecido no paiz o nome do autor, e apreciadas as suas produções. Porém o que fez verdadeiramente a sua reputação foi a copia do primoroso quadro do *Juizo Final* de Miguel Angelo, que existe na capella Sixtina, em Roma.

Quando Sigalon ahí chegou pelos annos de 1835, encarregado pelo governo francez de fazer aquella copia, todos os artistas de Roma julgaram impossivel a empresa, a que elle ia metter hombros, pois que estavam firmemente convencidos de que nenhum pintor moderno, qualquer que fosse o seu talento, era capaz de copiar com fidelidade as obras de Miguel Angelo. Todavia Sigalon desempenhou-se da sua ardua missão, não só a contento do seu governo, que em remuneração lhe deu uma pensão annual vitalicia de tres mil francos, mas até com applauso dos que não creram possivel similhante desempenho.

Sigalon falleceu em 18 de Agosto de 1837. O esboço representado na estampa junta foi a sua derradeira producção, que é tida em muita conta pela perfeição do desenho. Não se sabe ao certo qual é o assumpto historico, que representa. Alguns que-rem que seja a morte do imperador Claudio, que morreu envenenado; porém outros dão-lhe diversa explicação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A sé de Montreal na Sicilia.

Ao occidente de Palermo, capital da Sicilia, avulta sobre uma eminencia a pequena cidade de Montreal, ou Monte Real, que dista tres leguas da costa d'aquella ilha. Não possuie mais do que um monumento digno de menção; mas esse unico dá-lhe bastante celebridade, pois que é um dos principaes de toda a Sicilia, pela sua vastidão e architectura; pela riqueza dos marmores de que é construido; e finalmente pelos preciosos mosaicos e obras de esculptura, que encerra. Este monumento é a cathedral, que desfruta a preeminencia de metropolitana de toda a ilha.

Está edificada em forma de cruz. A frontaria não é bella, nem magnifica; mas tem bastante originalidade, e os tres porticos, que dão entrada para o vestibulo, não são faltos de elegancia e magestade. Porém interiormente é um templo sumptuoso. Vinte e duas columnas de granito oriental, com capiteis de marmore branco, cobertos de delicadas esculpturas, dividem o templo em tres naves. As paredes são vestidas em toda a sua altura de obra de mosaico, em esmalte de cores variadas, representando a historia do velho e novo Testamento, desde a criação do mundo até ao Pentecoste. O tecto é de talha relevada, com muita variedade de feitos.

A porta principal é de bronze, toda ornada de baixos relevos, que representam passagens da sagrada Escripura. Nas capellas vêem-se alguns quadros de bastante primor artistico; e na sacristia guardam-se alfayas de muita riqueza e antiguidade.

Foi fundada esta magnifica basilica por Guilherme o Bom, rei da Sicilia, que subiu ao throno no anno de 1166. Este soberano e alguns dos seus successores tem ahí seu jazigo em soberbos mosaicos de marmore branco, ou de porfido.

Em 1814 houve um incendio n'este edificio, que, posto que o não destruisse, causou-lhe todavia consideraveis estragos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Ao sol.

POB D. JOSÉ ESPRONCEDA.

Imitação do hespanhol.

Pára e ouve-me, ó sol! en te saúdo,
E immovel em tua face vou fallar-te!
Como tu, minha ardente phantasia,
Famelica em desejos de admirar-te
Intrepidas a ti as azas guia!

Oxalá que meu canticco poderoso
Sublime resoando,
Do throno pavoroso
A omnipotente voz sobrepujando
A ti, ó sol, chegara,
E em meio de seu gyro te parara!

Ai! se a chamma que a mente minha accende
O ardor seu emprestara a meus sentidos,
Ao raio deslumbrante que os incende
Phrenetico meus olhos ergueria,
E em teu semblante fulgido, atrevidos
Cravando sem cessar os fixaria!

Como sempre t'ei amado, ó sol fulgente!
Com que simplicio anhele
Inda infante, innocente,
Seguir-te ousava pelos ceos immensos,
Seguir de luz teu rastro até perdê-lo!
E extatico te via
E de assim admirar-te me aprazia!

Dos auríferos limites do oriente,
Que estreitam o em per'las rico oceano
As umbrosas barreiras do occidente
As orlas do teu trajó que fulgura
Rojas soberbo augusto soberano;
E o universo de luz alagas, pura,
Laureando com ella o puro dia!
Alma, vida do mundo
Teu disco em paz, magestoso envia
Placido ardor feucundo
E te elevas radiante
Coróa de mil orbes, scintillante!

Tranquillo sobes do zenith doirado
Ao regio throno, em meio do azul ceo,
De vivas flammás e esplendor ornado!
Lá, pára o vôo teu;
E d'ali tua fulgida carreira
Rapido precipitas,
E tua esplendida cerviz, luzente
Nas entranhas do mar convulso agitas,
Que teu brilho sepulta
Co'o já finado dia,
Que com mil outros o passado occulta!

Que de sec'los sem fim, quantos has visto
Na voragem do passado espedaçar-se!
Quanta pompa, grandeza e poderio
D'opulentos imperios dissipar-se!
— Que foram ante ti? — D'erme e sombrio
Bosque, murchadas folhas desprendidas
Que em voltas redemoinham,
E dos ventos ás furias se definham!

Tu livre, isempto á colera divina
Viste arrasar-se o universo inteiro,
Quando as aguas p'lo Eterno arremeçadas,
Impellidas p'lo braço justiceiro,
E a mares pelos ventos despenhadas
Rugiram em procellas! a tremenda
Rouca voz do trovão fremiu em torno;
E tremendo convulsos abalaram
Do terreo globo os eixos diamantinos!
Campos, montes ficaram
Vasto oceano sepulchro dos humanos!
Tremeu o profundo;
E tu então como senhor do mundo
Sobranceiro á tormenta um throno erguias
Involto em densas trevas;

Tua face enluctayas,
E outros mundos em paz esclarecias!

Outra vez novos seculos
Viste chegar, fugir, desvanecer-se
Em redemoinho eterno como as ondas
Chegam, se agrupam e do oceano fogem,
E tornam outra vez a succeder-se!
Em quanto que immutavel e radiante
Tu só, ó sol, te elevas,
E edades mil e mil galgas triumphante!

Mas hasde ser eterno, inextinguivel,
Sem que nunca á flammigera fogueira
Tua morra o fulgor?! Sempre incansavel
Em paz seguir tua immortal carreira,
Fundirem-se as edades contemplando;
E só, eterno, perennal, sublime
Monarcha ser pod'roso, dominando?!
Não: que tambem a morte
Se de longe te segue
Ai! não menos sequiosa te persegue!
Quem sabe se talvez pobre satelite,
Foste de um outro sol que outro universo
Maior que o nosso, um dia
Com duplo resplendor esclarecia?

Gosa em paz tua infancia e formosura,
Ó sol! que quando o pavoroso dia
Chegar, qué o orbe estale e se desprenda
Da santa mão potente
Do Padre Omnipotente,
Desfeito em mil pedaços, destroçado,
Em globulos de fogo
E involto para sempre e sepultado;
De cem tormentas ao troar horrivel
Em trevas sem fim, tua chamma pura
Então se mudará! noite sombria,
Eterna hade involucrar o ethereo cume;
E nem ao menos solta
Ficará vã reliquia de teu lume!

H. VAN-DEITERS

Anecdotas.

Quanto me leva por tirar um dente? pergunta-
to certo individuo a um dentista da capital.

- Doze vintens.
- E dois?
- Tiro-lhe o segundo gratis.

Assentou-se e indicou primeiro um são, e de-
pois o doente. Pediu que lhe extrahisse o se-
gundo, e o dentista assim o fez. Então levantando-
se e encaminhando-se para a porta, disse:
— Não lhe pago, porque me não tirou o primei-
ro, e o segundo era gratis.

— Querido mano levanta-te, dizia F*** ao cunha-
do que estava deitado; acaba de expirar tua mu-
lher.

— Ah! respondeu elle com os olhos meio fe-
chados, puxando o barrete, entalando a roupa, e
voltando-se para o outro lado: que fatalidade!
que paixão não terei amanhã!

Manifestação dos instituidores da
sociedade portugueza Madrepora.

«*Conhece-te a ti mesmo*» era o distico que se
lia, segundo é fama, no portico d'um dos mais ce-
lebres templos da antiguidade. Esse templo tinha
uma importancia moral semelhante á que tem alguns
dos nossos pela sua celebridade, por isso com quan-
to não entre no nosso proposito fazer um paral-
lelo entre as duas civilisações, comtudo temos de
confessar que somos oppositos á opinião d'aquelles
que até duvidam da existencia d'essa *maxima* por
a julgarem uma utopia banal.

Nós, ou por deficiencia intellectual, ou por cir-
cunstancias que em seguida exporemos, encontra-
mos n'essas palavras o sentido pratico para a reali-
zação d'um desejo que reputamos util e honroso em
referencia a nós — o de trabalhar, mesmo na orbita
em que nos achamos, a bem do engrandecimento do

nosso paiz; e, adoptando-as na sua expressão real,
d'ellas fizemos nossa divisa, com ellas nos escu-
damos, e pozemos em pratica esse intento, cheios
de fé, puros de consciencia, e livres de vãs preten-
ções. Já dissemos que o nosso intento era contri-
buir para a elevação da nossa patria: portanto es-
cusamos repetir que a sociedade que fundamos, sob
o titulo de MADREPORÁ, tem esse fim.

Temos pois sómente de explicar como pôde esse
aphorismo (pelo menos) servir de essencia ao nosso
desejo; de patentear-se na sua realisação temos sido
lógicos e consequentes, bem como de expor os mo-
tivos e as razões de conveniencia que nos influíram
para tal preferencia, e firmaram n'esse sentido a nos-
sa convicção.

Seremos n'esta exposição chãos e verdadeiros.
Temos de fallar de nós, e não obstante sabermos
que poucos darão importancia a estas ligeiras lin-
has, corre-nos o dever de abonar-nos com a nossa
lealdade.

Desde que se desinvolveu em nós o uso da ra-
zão, tomou o primeiro lugar entre os nossos senti-
mentos o amor da patria, o qual se robustecia tan-
to mais quanto nos convenciamos das miserias por
que passava o nosso paiz. Os escriptos dos nossos
principaes homens de letras tem sido sempre a
nossa leitura favorita; e os uteis conselhos, as
amargas verdades, e as justissimas censuras que a
todo o instante encontravamos em seus livros for-
temente nos impressionaram, e assim fomos arras-
tados tambem a pensar nos meios de felicitar o ob-
jecto do nosso culto. Ainda não tinhamos lido: *O
futuro de Portugal depende das escolas*, quando o
espirito nos revelou est'outro raciocinio: *Os por-
tuguezes não se conhecem*, porque só assim pudemos
crer nos recursos que Portugal felizmente possui,
e crer ao mesmo tempo no seu abatimento e bai-
xeza. Foi d'esse raciocinio que nasceu a idéa da
nossa associação, e d'onde procede o termos ado-
ptado a legenda do celebre oraculo de Delphos.
Como se vê, tinhamos chegado ao resultado da ins-
trução, por outras palavras; e isto posto, em que
relação estaria para tão grande empenho, como a
instrução d'um povo, sómente a boa vontade de
alguns individuos quasi eguaes áquelles de quem
falla o nosso Tolentino?

- «Qualquer dos ditos confrades
- «Na rota capa se enrola;
- «E tendo dado cidades
- «Nos vem pedir uma esmola.

Valeu-nos de certo a prudencia de não tomar
testemunhas dos nossos devaneios, para que a zom-
baria nos não augmentasse os desgostos. No entan-
to quiz o destino que não desesperassemos nem de-
sistissemos da nossa idéa: as esperanças eram pou-
cas; mas esperavamos, espalhando sempre, por de-
sacramento de consciencia, as nossas opiniões, que não
sabemos que effeito produzissem. Um acontecimento
importante veio depois reanimar-nos. Foi a subida
do throno do nosso actual rei, cuja mais grata
aureola é o seu saber e illustração. Os portugue-
zes, incontestavelmente monarchicos, abalaram-se,
e, mais ou menos possuidos de enthusiasmo, pro-
curaram manifestar os patrioticos sentimentos que
lhes ferviam n'alma. A occasião era até propicia,
porque uma das mais bellas qualidades do nosso
rei influa a que (casualmente) ganhassemos gran-
de numero de proselytos; mas não succedeu assim.
Esse enthusiasmo foi espedaçado em insti-
tuições sem nexo e sem criterio — verdadeiras par-
tes d'um falso principio que tem sido invocado para
tudo n'estes ultimos tempos, e que mais que ne-
nhum outro demonstra o desarranjo da nossa or-
ganisação moral e politica. O nosso immortal Gar-
rett fez um insigne retrato a tal respeito.

- «Morre-lhe o tio, eis o rapaz n'um sino
- «Vende pretos e pretas e melaço,
- «E vem Cresso de cocos e patacos
- «Metter toda Lisboa, n'um chinello:

«Serodio compra fidalguesco fóro

«Eil-o que alteia os hombros encolhidos

«Intufa em vento as bochechudas belfas

«Impina a pansa e engrossa a voz pausada...
e esta fatal tendencia para o dominio, para as os-
tentações, para a grandeza, a despeito de todas as
faltas, com manifesta cegueira, vaidade e estulticia,
foi ainda o caracteristico mais saliente n'essa
ocasião.

Nós tinhamos feito voto de não inserir no nos-
so projecto a palavra *pobreza*, que é o chavão de
todas as coisas hoja, como ha pouco dissemos;
bem como de não sollicitar favores nem promet-
ter glorias, visto que em virtude do nosso plano
não podiamos ir além de *patentear a qualquer* de
nossos concidadãos o que elle é, quando vemos que
o não sabe, lembrando-lhe ao mesmo tempo o seu
dever conforme a sua posição. Como não transigi-
mos foi preciso esperar. Finalmente saímos a cam-
po intactos nos nossos principios, e os leitores
d'este jornal poderão avaliar — se tem lido os nos-
sos actos — se na pratica correspondemos á divi-
sa. A primeira vista parece que para satisfazer o
nosso fim, isto é, — *retratar-nos com fidelidade*, bas-
tava compor um artigo caustico sobre a nossa in-
diferença, recheado de ardentens censuras contra
a nossa incuria e desleixo, e adocá-lo por fim com
alguns versos onde o poeta puzesse uma lagrima em
cada virgula e em cada ponto uma imprecação.
Pois foi d'aqui que mais nos empenhamos em fu-
gir para fazer sobreesair o relevo da nossa insti-
tuição, mostrando ao mesmo tempo qual o nosso
dever segundo a nossa entidade. Somos consumi-
dores e não productores dos trabalhos intellectuaes,
e temos fé que ganhamos mais em fazer ler o *Mon-
ge de Cister* a qualquer nosso patricio, do que em
escrever um inosso livro.

A's vezes um nosso bom proletario porque pôde
ageitar quatro versos, sonha-se um prodigio, di-
vagando entre Getas, e esgalgando-se em lamentos —
é o que faz em bem do paiz por quem no en-
tretanto protesta a todo o instante morrer d'amores —
ao passo que se melhor se *conhecesse*, empregaria
algum fructo do seu trabalho em beneficio
das nossas empresas civilisadoras, e, em lugar de
importuno e massador, seria util. Suppomos ter mos-
trado quanto nos julgamos consequentes com a nos-
sa divisa, e terminamos (pois temos pressa de aca-
bar) expondo os motivos de conveniencia e mais
circunstancias que nos induziram a esta opinião,
que bem pode ser que pareça a alguém mais per-
tinaz que sensata, mais original e exquisita do que
util. Abrimos o exemplo aos nossos homens não
litteratos, mostrando-lhes a obrigação que temos
de instruir-nos e proteger essas empresas civili-
sadoras, se porventura desejamos pôr-nos a par
dos primeiros povos. Por esse mesmo motivo, mos-
trar em que consiste a nossa *utilidade* para esse
fim.

Do que lhe resultará o conhecimento de si.

Se isto fór conseguido, melhores dias virão aos
nossos homens de sciencias e letras — ou nossos
mestres — e não terão mais o desgosto de se cansar-
em com arduos e tenazes trabalhos para matar o
ocio de meia duzia de curiosos unicamente.

Tambem esperamos que elles terão mais gosto
em nos ter como discipulos do que como collegas —
porque louvado Deus quem na nossa terra lê já se
julga litterato — e deixarão de recheiar todos os seus
livros de brados de indignação contra um povo de-
generado.

Ahi ficam pois manifestados os fins da socieda-
de MADREPORÁ para que ninguém se illuda com
o artigo 3.º dos seus estatutos, julgando-a um gremio
scientifico. Repetimos: somos unicamente *con-
hecedores* do proveito que nos pode trazer a ins-
trução; atingimos só a gloria de ser o que so-
mos porém instruidos, e em honra do paiz não te-
mos outra pretensão senão a de bons cidadãos.
N'este terreno manteremos sempre a associação
até que o *conhece-te a ti mesmo* deixe de nos ser
applicavel n'este sentido.

OS INSTITUIDORES.

Rio 4 de Março 1859.

Resposta.

Em serem regulares, irregulares e defectivos.